

# Segmentações alternativas: evidências do grupo clítico<sup>1</sup>

Lívia Barbosa Borduqui Campos

Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos – Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas (Ibilce) - Universidade Estadual Paulista (Unesp) – São José do Rio Preto – SP - Brasil

[li\\_borduqui@hotmail.com](mailto:li_borduqui@hotmail.com)

**Abstract.** *This work aims to verify how alternative segmentations of a one phonological chain can bring evidences of the clitic group as a prosodic domain relevant in the Brazilian Portuguese. We looked for these evidences through the phonological analysis of verses of some songs of MPB, based on the prosodic theory as proposed by Nespor & Vogel (1986).*

**Key-words.** *segmentation; prosody; clitic group; phonological word; Brazilian popular music.*

**Resumo.** *Este trabalho busca demonstrar que segmentações alternativas de um mesmo enunciado podem trazer evidências da pertinência do grupo clítico como um domínio prosódico relevante no Português Brasileiro. Buscamos estas evidências através da análise fonológica de versos de algumas canções da MPB, utilizando a teoria prosódica proposta por Nespor e Vogel (1986).*

**Palavras-chave.** *segmentação; prosódia; grupo clítico; palavra fonológica; Música Popular Brasileira.*

## 0. Introdução

Neste trabalho, analisamos segmentações alternativas de cadeias fônicas e discutimos em que medida tais segmentações podem trazer evidências da pertinência do grupo clítico como um domínio prosódico relevante no Português Brasileiro. Para isso, realizamos análises fonológicas de determinados versos de duas canções da MPB, a saber: “Pagode Russo” e “O parque da Juraci”, interpretadas, respectivamente, por Zeca Baleiro em 1999 e Zeca Baleiro & Genival Lacerda em 1997.

Dados os objetivos, iniciamos a análise pelas segmentações alternativas dos versos das canções, mostrando, através de grades métricas, que, da interpretação das canções, determinadas palavras são segmentadas alternativamente e a posição de alguns acentos são alteradas, ‘gerando’ novos vocábulos.

Através da análise fonológica dos versos, explicitamos (i) as pistas das fronteiras dos constituintes prosódicos, a cada uma das segmentações explicitadas, (ii) as segmentações alternativas e (iii) os possíveis sentidos associados. Assim, podemos observar duas possibilidades: (i) uma palavra fonológica, ao ser segmentada alternativamente, torna-se um grupo clítico, ou seja, um clítico seguido de uma palavra fonológica; e (ii) um grupo clítico passa a ser uma palavra fonológica.

Por meio das análises das segmentações alternativas, argumentamos a favor da relevância do grupo clítico na organização prosódica do Português Brasileiro, utilizando a definição de grupo clítico proposta por Nespor & Vogel (1986).

## 1. Segmentações alternativas e mudança de acento

Iniciamos nossa análise apresentando as letras das canções a serem analisadas:

Canção I	Canção II	
<b>pagode russo</b>	<b>o parque de juraci</b>	
<p>ontem sonhei que estava em moscou dançando um pagode russo na boate cossacou</p> <p>parecia até um frevo naquele cai ou não cai parecia até um frevo naquele vai ou não vai</p> <p>vem cá cossaco, cossaco dança agora na dança do cossaco não fica cossaco fora</p>	<p>juraci me convidou preu ir num parque mais ela lá em birigui e eu vesti o meu terninho engomado alisado alinhado pra brincar com juraci</p> <p>já no caminho eu comi um churrasquinho de charque e um suco de sapoti e foi ficando divertido pra caramba juraci dançando samba enquanto eu lia o guarani</p> <p>mas lá chegando eu tive o maior susto e tentei a todo custo então crer no que vi</p>	<p>no lugar do parque um self-service por quilo fiquei puto com aquilo e perguntei pra juraci</p> <p>juraci que parque juraci que parque juraci que parque é esse que eu nunca vi juraci que parque juraci que parque juraci quebrei o pau fiquei de mal com juraci juraci que parque juraci que parque juraci que parque é esse que eu nunca vi juraci que parque juraci que parque juraci juro por deus que odiei a juraci</p>

As grades métricas que seguem nos permitem observar as saliências das sílabas na cadeia sonora de cada verso selecionado para análise, sendo que, através destas grades, podemos também observar várias segmentações e uma possível distribuição de proeminências relacionadas à veiculação de diferentes sentidos. É importante salientar que as cadeias fônicas descritas neste trabalho foram identificadas por nós em audição das canções, pois não é possível submetê-las à análise acústica.

### ▪ Canção I

	I.a.. (ko'saku) <sub>ω</sub> <sup>2</sup> I.a'. <i>cossaco</i>	I.b. (ku) <sub>c</sub> ('saku) <sub>ω</sub> I.b'. <i>com o sacco</i>	I.c. ('ku) <sub>ω</sub> ('saku) <sub>ω</sub> I. c'. <i>cu e sacco</i>	I.d. ('kosa) <sub>ω</sub> ('ku) <sub>ω</sub> I.d'. <i>coça cu</i>
Linha 2	*	*	* *	* *
Linha 1	*	*	* *	* *
Linha 0	* * *	* * *	* * *	* * *
	# ko.sa.ku #	# ku # sa.ku #	# ku # sa.ku #	# ko.sa # ku #

▪ Canção II

	II.a. (((jura'si) <sub>ω</sub> ) <sub>Φ</sub> ) <sub>I</sub> (((ki) <sub>c</sub> ('parki) <sub>ω</sub> ) <sub>Φ</sub> ) <sub>I</sub>	II.b. (((ju'rasiki) <sub>ω</sub> ('parki) <sub>ω</sub> ) <sub>Φ</sub> ) <sub>I</sub>
	II.a'. <i>Juraci</i> II.a''. <i>que parque</i>	II.b'. <i>Jurasik Park</i>
Linha 2	*	*
Linha 1	*	*
Linha 0	* * *	* * *
	# ju.ra.si #	# ki # par.ki #
	* *                      * * * * *              * * # ju.ra.si.ki # par.ki #	

Em (I.a.), temos o vocábulo veiculado no encarte do CD, e uma das possíveis realizações é: /ko'saku/. Em (I.b.), temos a cadeia fônica /ku'saku/ que pode ser interpretada como uma possível realização de ‘*cossaco*’ – e, nesse caso, haveria o alçamento da pretônica ‘o’ de ‘*cossaco*’ – ou ainda uma realização de ‘*com o sacco*’ (talvez uma realização mais ‘popular’, numa referência ao gênero musical pagode). Nesse segundo caso, vários processos fonológicos ocorrem quando comparada uma realização de ‘*com o sacco*’, como por exemplo, /kõu u 'saku/, com a realização /ku'saku/: ocorre sândi entre /kõu/ e /u/, queda da nasalidade de /kõu/, de modo que ‘*com o sacco*’ passa a ser homófona a ‘*cossaco*’.

Admitindo essa análise, deixamos de ter uma palavra fonológica (*cossaco*)<sub>ω</sub> e passamos a ter um grupo clítico (*com o sacco*)<sub>CG</sub>. Em (I.c.), /'ku'saku/, a sílaba pretônica de ‘*cossaco*’ recebe acento primário e passa a ser uma palavra fonológica ao lado de ‘*saco*’. Em (I.d.), também ocorrem dois acentos primários e, assim, temos duas palavras fonológicas, porém a localização desses acentos se dá em sílabas diferentes das ocorrências anteriores. Essa mudança de acento provoca uma mudança na cadeia fônica, em razão da forma arrizotônica do verbo ‘*coçar*’.

Em (II.a.), temos duas frases entoacionais (indicadas por *I*): sendo uma formada pela palavra fonológica ((jura'si)<sub>ω</sub>)<sub>I</sub> e outra pelo grupo clítico (((ki)<sub>c</sub> ('parki)<sub>ω</sub>)<sub>CG</sub>)<sub>I</sub>. Já em (II.b.), com a alteração na posição do acento em relação à (II.a.), temos uma única frase entoacional formada por duas palavras fonológicas ((ju'rasiki)<sub>ω</sub> ('parki)<sub>ω</sub>)<sub>I</sub>, sendo que o grupo clítico deixa de existir, pois o clítico se une à palavra que o antecede.

Assim, podemos perceber que, ao alterarmos a fronteira entre o clítico e a palavra fonológica, passamos a ter uma nova palavra fonológica, alterando o sentido da palavra original.

## 2. Novas palavras, novos sentidos

Acreditamos que, ao segmentarmos alternativamente e alterarmos as fronteiras fonológicas de algumas palavras presentes nas canções, concomitantemente alteramos o sentido destas palavras, até mesmo o sentido de toda a canção. A interpretação destes vocábulos nos dá pistas de diversos discursos presentes nas canções

Em “Pagode Russo”, podemos perceber um discurso referente à cultura russa e outro relativo à sexualidade (ou homossexualidade)<sup>3</sup> (“cossaco” → “com o sacco”, “cu sacco” e/ou “coça cu”). *Cossaco* é o indivíduo dos cossacos, povo cavaleiro do sul da Rússia. Este termo é repetido durante toda a canção que, não coincidentemente, chama-se Pagode Russo, e também faz menção à palavra “Moscou”, capital da Rússia. Mas, se

segmentarmos alternativamente o vocábulo “cossaco” e/ou alterarmos o acento, temos frases de conotação sexual, como “coça cu” e “com o saco de fora”. Além disso, se considerarmos a segunda estrofe da canção, “parecia até um frevo / naquele cai ou não cai / parecia até um frevo / naquele vai ou não vai”, podemos perceber referências a uma relação sexual, ou seja, “cai ou não cai” pode se referir à ereção do órgão genital masculino e “vai ou não vai” aos movimentos de um ato sexual.

Desta forma, Zeca Baleiro se utiliza de um recurso fonológico para veicular de maneira não explícita um discurso proibido socialmente, ou, pelo menos, controlado pela sociedade.

Já em “O parque de Juraci”, Zeca Baleiro, no início da canção, faz menção a Steven Spielberg, oferecendo-lhe aquela em sua homenagem. Com a segmentação alternativa de “Juraci que parque”, temos “Jurasic Park”, que é o nome de um filme de grande sucesso do cineasta citado. Podemos então perceber dois discursos, um que se refere a um casal que sai para passear junto, e outro que se refere ao filme de Steven Spielberg. Este segundo discurso é possível se considerarmos (i) a segmentação (II.b.) /ju'rasiki 'parki/ e (ii) o verso “no lugar do parque um self-service por quilo ...”, pois no filme Jurasic Park, uma ilha, que seria um parque ecológico, é transformada em um parque de dinossauros, o qual foge ao controle de seus idealizadores, pois os dinossauros passam a matar as pessoas, devorando-as (“no lugar do parque um self-service [para dinossauros]...”). Podemos perceber também um embate entre o ‘nacionalismo’ e o ‘estrangeirismo’, ou seja, (i) Zeca Baleiro inicia a canção dedicando-a Genival Lacerda e Steven Spielberg, o primeiro, um cantor popular brasileiro, e o segundo, um cineasta americano, (ii) o intérprete chama a canção de techno-chachado, misturando dois estilos de músicas diferentes, americano e brasileiro, (ii) a *Juraci* o convida para ir a *Birigui*, tomar um suco de *sapoti* e ler o *Guarani* (todas palavras indígenas), mas quando chegam encontram um *self-service* no *Jurassic Park* (termos americanos), e, quando a canção repete, o intérprete troca o *suco de sapoti* por um *refresco de Kiwi*, fruta estrangeira, típica do sudeste asiático.

### 3. O grupo clítico

Segundo Bisol (2000), a hipótese de que a relação entre a sintaxe e a fonologia é não-isomórfica dispõe de dois modelos teóricos, a saber: a teoria baseada em fronteiras, proposta por Selkirk (1986) e Selkirk e Chen (1990) entre outros, e a teoria relacional, proposta por Nespor e Vogel (1986).

Uma das diferenças existentes entre essas teorias é que a teoria baseada em bordas, proposta por Selkirk, não admite um domínio para o clítico, classificando-o junto à palavra fonológica. Já a teoria relacional, proposta por Nespor & Vogel, defende que o clítico não pode ser classificado como palavra fonológica devido ao seu comportamento dúbio e propõe o constituinte Grupo Clítico para seu domínio.

De acordo com Vogel (1999), inerente aos modelos de fonologia prosódica, como o proposto por Nespor e Vogel (1986), é a exigência de que todo constituinte seja organizado em conformidade com a *Strict Layer Hypothesis* (SLH, doravante). Um constituinte de nível X pode dominar somente constituintes de nível X-1 e somente pode ser dominado por um constituinte de nível X+1. Porém, surgem problemas quando, aparentemente, o material deva ser agrupado dentro de um constituinte de nível X, embora não seja qualificado por status como um constituinte de nível X-1. Isto é, ele

não satisfaz os requerimentos da minimalidade para o constituinte em questão. É o caso em Japonês, onde há, de acordo com Itô e Mester (1992), certos tipos de sílabas que não constituem pés mínimos, mas que têm que se agrupar em palavras como irmãos de outros pés – violando a SLH (p. 249).

Apresentamos abaixo as segmentações alternativas citadas anteriormente analisadas em constituintes prosódicos, e ressaltamos que essas segmentações são apenas algumas das percebidas por nós na audição das canções.

I. *Pagode Russo*

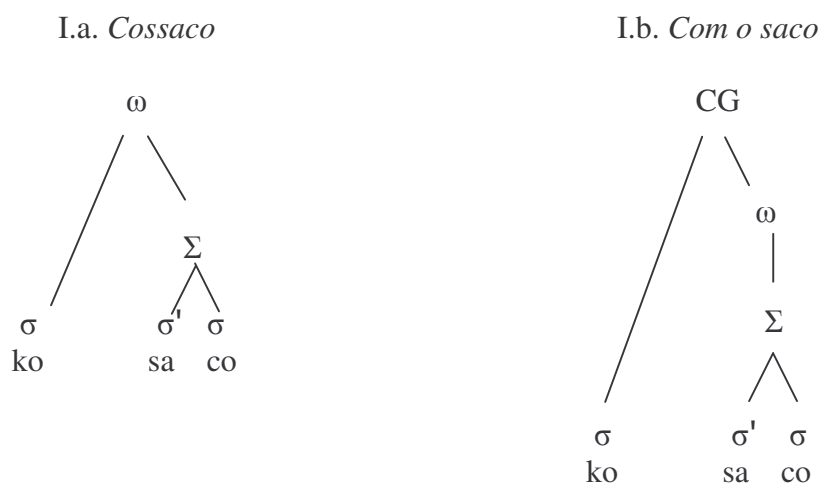
- I.a. /ko'saku/       $\longrightarrow$  (ko'saku)<sub>ω</sub>  
 I.b. /ku # 'saku/     $\longrightarrow$  ((ku)<sub>C</sub> ('saku)<sub>ω</sub>)<sub>CG</sub>  
 I.c. /'ku # 'saku/     $\longrightarrow$  ('ku)<sub>ω</sub> ('saku)<sub>ω</sub>  
 I.d. /'kosa # 'ku/     $\longrightarrow$  ('kosa)<sub>ω</sub> ('ku)<sub>ω</sub>

II. *O parque de Juraci*

- II.a. /jura'si # ki # 'parki/     $\longrightarrow$  (((jura'si)<sub>ω</sub>)<sub>Φ</sub>)<sub>I</sub> (((ki)<sub>C</sub> ('parki)<sub>ω</sub>)<sub>CG</sub>)<sub>Φ</sub>)<sub>I</sub>  
 II.b. /ju'rasiki # 'parki/     $\longrightarrow$  (((ju'rasiki)<sub>ω</sub>)<sub>Φ</sub>) ('parki)<sub>ω</sub>)<sub>Φ</sub>)<sub>I</sub>

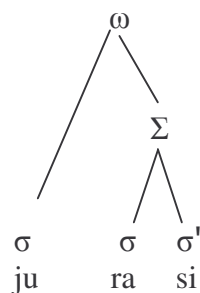
Como dito anteriormente, de acordo com a SLH, a organização prosódica deve obedecer ao *Maximal Parsing* e à *Strict Succession*, ou seja, (i) toda forma tem que ser analisada em todos os níveis de constituintes e (ii) um constituinte de um dado nível pode dominar somente constituintes do nível imediatamente mais baixo.

Ao analisarmos as segmentações presentes na canção I, podemos perceber que, em I.a., a sílaba pretônica /ku/ fica fora do pé /'saku/, sendo analisada no constituinte palavra fonológica (ω) e, em I.b., a sílaba /ku/ não é analisada nem no constituinte pé (Σ), nem na palavra fonológica (ω), sendo analisada somente em um constituinte pós-lexical, o grupo clítico (CG) (cf. TENANI, 2005). Desta forma, podemos perceber que o clítico “rompe” com a *Strict Layer Hypothesis*,

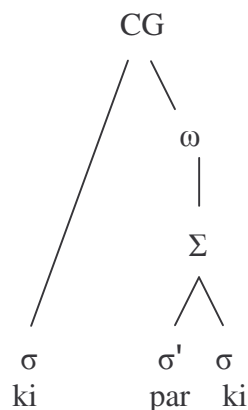


Já na canção II, a sílaba /ki/, que está em posição postônica, comporta-se, em II.a., como forma independente da palavra, ou seja, um clítico e, em II.b., comporta-se como uma sílaba pertencente a uma nova palavra fonológica /ju'rasiki/. Nota-se que essa nova palavra “Jurasik” é um nome em Inglês.

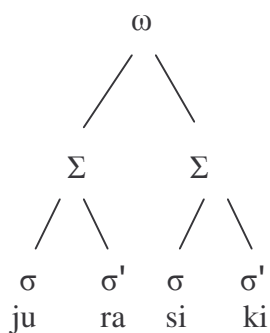
II.a. *Juraci*



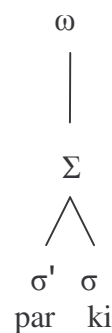
*que parque*



II.b. *Jurassic*



*park*



Dessa forma, percebemos que nas canções as sílabas /ko/ ou /ku/ e /ki/ comportam-se ora como parte da palavra, ora como clítico, sendo assim possível analisá-las, em um caso, como parte da palavra fonológica, e, noutro caso, como parte de um constituinte especial, ou seja, o grupo clítico.

#### 4. Considerações finais

Com a análise fonológica de algumas segmentações alternativas presentes nas canções supracitadas, podemos observar que a sílaba átona ora se comporta como forma independente, um clítico, ora como sílaba de uma palavra. Dessas análises, mostramos a evidência para o grupo clítico em Português brasileiro.

Por fim, observamos que, quando ‘*cossaco*’ deixa de ser uma única palavra fonológica e passa a ser, por exemplo, um grupo clítico ‘*com o saco*’, o sentido da canção é alterado. O mesmo ocorre quando as duas frases entoacionais ‘*Juraci*’ e ‘*que parque*’ passam a ser uma única, ‘*Jurasik Park*’, e o clítico ‘*que*’ se une à palavra ‘*Juraci*’. Portanto, podemos perceber que, por meio da alteração de fronteiras entre palavra fonológica e grupo clítico, são construídos vários sentidos.

---

<sup>1</sup> Este trabalho é parte da pesquisa desenvolvida junto ao curso de mestrado em Estudos Lingüísticos (Unesp/Ibilce), sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciani Ester Tenani.

<sup>2</sup> Os pontos indicam fronteiras de sílaba; # fronteira morfológica; \* proeminência métrica: na linha 0 são indicadas todas as sílabas a serem consideradas na atribuição de acento, na linha 1 são indicados os acentos primários e na linha 2 os acentos secundários.

<sup>3</sup> Agradeço à observação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciani Ester Tenani acerca do discurso da homossexualidade.

### Referências Bibliográficas

- BISOL, L. O clítico e seu status prosódico. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 9, 2000, p. 05-30.
- NESPOR, M. e VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht-Holland, Foris Publication, 1986.
- TENANI, L. E. Comunicação apresentada durante o 53º Seminário do Gel, realizado em São Carlos. 2005.
- \_\_\_\_\_. Possibilidades de segmentações alternativas e a construção de sentidos em chistes e canções de MPB. In: CELSUL, VI, Florianópolis, 2004, p. 133.
- \_\_\_\_\_. Rindo das piadas, manipulando a língua. *Revista Lingüística*, São Paulo, v. 45, 2001, p. 115-130.
- VOGEL, I. Subminimal constituents in prosodic phonology. In: HANNAHS, S. J.; M. DAVENPORT (ed.) *Issues in Phonological Structure – Papers from a International Workshop*. Amsterdam: John Benjamins, 1999, p. 249-267.
- ZECA BALEIRO. *O parque de Juraci*. São Paulo: Polygram, p.1997. 1 CD.
- ZECA BALEIRO. *Pagode Russo*. São Paulo: Polygram, p, 1999. 1 CD.